

## **O BAIRRO POR VIR: OS VAZIOS URBANOS E A PRODUÇÃO DA BARRA OLÍMPICA**

Gabriel Souza de Morais <sup>1</sup>

João Carlos Carvalhaes dos Santos Monteiro <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O trabalho em questão buscou entender a influência dos vazios urbanos da Baixada de Jacarepaguá na formação do bairro Barra Olímpica tendo em vista as características urbanas do local. Escolhido para ser o coração dos Jogos Olímpicos, essa parte da cidade recebeu o Parque Olímpico, a Vila dos Atletas e o Centro Metropolitano, entendidas como as principais infraestruturas do megaevento. A pesquisa buscou referenciar os vazios urbanos a partir do contexto de transformação local, fazendo com que os resultados tenham permitido analisar o processo de formação do espaço urbano e consolidação de um novo bairro na zona Sudoeste da cidade do Rio de Janeiro, assim como o uso dessas infraestruturas olímpicas após o megaevento em questão.

**Palavras-chave:** Vazios Urbanos, Jogos Olímpicos, Bairro, Barra Olímpica.

### **ABSTRACT**

The study aimed to understand the influence of urban voids in the Baixada de Jacarepaguá on the formation of the Barra Olímpica neighborhood, considering the area's urban characteristics. Chosen to be the heart of the Olympic Games, this part of the city hosted the Olympic Park, the Athletes' Village, and the Metropolitan Center, regarded as the main infrastructures of the mega-event. The research sought to reference the urban voids within the context of local transformation, allowing the results to shed light on the process of urban space formation and the consolidation of a new neighborhood in the southwestern zone of the city of Rio de Janeiro, as well as the use of these Olympic infrastructures after the mega-event.

**Keywords:** Urban Voids, Olympic Games, Neighborhood, Barra Olímpica.

### **INTRODUÇÃO**

No dia dois de outubro de 2009 em Copenhague, capital da Dinamarca, o Rio de Janeiro venceu a disputa contra Madri, Chicago e Tóquio, se tornando a primeira cidade sul americana a sediar uma olimpíada. Começava um novo capítulo para o espaço urbano carioca uma vez que a magnitude de tal evento é suficiente para impactar significativamente os locais

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PPGeo UERJ, bielmorais2106@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PPGeo UERJ, joaocarlosmonteiro.uerj@gmail.com.



onde é realizado por se tratar de um evento que concentra investimentos e intervenções, redirecionando o uso de suas áreas.

Agora, em face dos compromissos com as olimpíadas, tudo se tornava necessidade pautada na urgência, e projetos envolvendo parcerias público-privada começavam a surgir. A chegada do megaevento ao Rio de Janeiro justificou a realização de megaprojetos que buscam transformar e reinventar **idades** que parecem estagnadas, se apresentando como alternativas para atrair investimentos e direcionar a produção do espaço urbano (Pereira, 2014) - o discurso era de que as obras resultantes configurariam uma “herança material” e urbana a ser recebida pelos cariocas.

Inicia-se uma preparação sem precedentes para receber os Jogos Olímpicos Rio 2016. A infraestrutura de ginásios, arenas, centros esportivos, acomodações para os atletas e a expansão da malha viária movimentaram cerca de R\$37,6 bilhões (Estadão, 2014). Esses aparelhos olímpicos espalharam-se por diversos bairros da cidade, com os principais equipamentos do evento se instalando nas imediações de Jacarepaguá, em Curicica, lugar destinado a ser o “coração dos jogos olímpicos” pela Prefeitura e pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), recebendo o Parque Olímpico, a Vila dos Atletas e o Centro Metropolitano.

Com a previsão do aumento de gabaritos das construções, taxas de ocupação de terrenos, redução da área do lote mínimo permitido e o aumento dos índices de aproveitamento dos terrenos por conta dos jogos olímpicos, a área em questão foi regada pelo projeto conhecido por PEU das Vargens (Projeto de Estruturação das Vargens dos bairros de Vargem Grande, Camorim, Barra da Tijuca, Jacarepaguá, Vargem Pequena e Recreio dos Bandeirantes). A Lei Complementar nº 104, de 27 de novembro de 2009, aprovada no mesmo mês em que a cidade foi escolhida como sede do evento, surgiu no intuito de criar regras de ocupação para os bairros da Bacia de Jacarepaguá (citados anteriormente) na justificativa de possuírem características urbanas similares entre si, como predominância de uso residencial, núcleos urbanos isolados, vazios urbanos e malha viária não implantada. O projeto viabilizou intervenções massivas na região de interesse da gestão da Prefeitura e de seus grupos de interesse, abrindo espaço para empreendimentos imobiliários e comerciais (Alves, 2017).

As condições estão montadas para que uma área antes desprezada por diversos agentes passe agora por intensos processos de transformação do ambiente natural, urbano e social a partir, sobretudo, de uma nova destinação para os seus “vazios urbanos”. Nos bairros com alta concentração de terrenos vagos ou subutilizados, construções de grandes magnitudes começaram a se desenvolver, iniciando uma ruptura de sua paisagem prevalecente por



séculos. O “sertão carioca” (Corrêa, 1936), como era conhecida a Bacia de Jacarepaguá no início da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro, progressivamente se transforma e se incorpora ao tecido e à infraestrutura da cidade.

O processo de transformação local previsto foi tão significativo que em 2010 o vereador Carlos Caiado (PSD) propôs, na ALERJ, o Projeto de Lei nº 807, que redefine os limites entre os bairros de Jacarepaguá e Barra da Tijuca e cria o bairro chamado “Barra Olímpica” pela subdivisão dos bairros Barra da Tijuca, Camorim e Jacarepaguá, com limites geográficos específicos, incluindo na sua delimitação o Riocentro, a área da Vila Olímpica, a área do antigo Autódromo (atual Parque Olímpico) e a área que abriga o então Centro Metropolitano em construção.

Entre 2009 e 2013, essa área representou 48% da área total licenciada da cidade, abrangendo 12,6 milhões de m<sup>2</sup> e mais de 86 mil unidades, com destaque para a Vila Olímpica e o Centro Metropolitano. Ainda nesse período, dados da própria Prefeitura a partir do estudo sobre usos e ocupações do solo na cidade revelam que a expansão da malha urbana se dirigiu para o oeste da cidade, onde os principais focos de acréscimo na Área Urbanizada em questão foram impulsionados nos setores onde receberam as instalações da infraestrutura da Rio 2016, com destaque para a Região do PEU das Vargens e o Centro Metropolitano (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2014). Tais fatores, uma vez inscritos no espaço urbano, estimularam a aprovação na ALERJ do Projeto de Lei que cria o bairro Barra Olímpica no final do ano de 2022. Na sequência, em maio de 2024, o prefeito Eduardo Paes (PSD) oficializou via decreto a regulamentação da lei propondo a divisão dos bairros.

Visto as características locais do recém moldado bairro Barra olímpica, sua seleta delimitação espacial e seu espaço urbano, pergunta-se: o que fez esse espaço ser escolhido para grandes obras? Os vazios urbanos no local influenciaram tal escolha? O objetivo do trabalho, portanto, é compreender a influência dos vazios urbanos no processo de formação do bairro Barra Olímpica. Como objetivo específico, procura-se entender o processo de estruturação urbana da baixada de Jacarepaguá e analisar e descrever como estavam dispostos os vazios urbanos da atual Barra Olímpica. Posteriormente, serão identificados os agentes urbanos responsáveis pelas mudanças significativas e suas características de atuação no espaço.



## **METODOLOGIA**

A operacionalização tem enfoque em estudar a ocupação histórica da Baixada de Jacarepaguá e sua expansão por meio de recortes temporais, com o objetivo de identificar a evolução urbana. Informações serão coletadas através de fotografias e dados do Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá, pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e pelo Plano Piloto da Barra da Tijuca e da Baixada de Jacarepaguá a fim de identificar a origem dos vazios que caracterizam a região. Trabalhos como o de Corrêa (1936), que denominou a Baixada de Jacarepaguá como “sertão carioca” devido a suas características, e Cáceres (2019), que explica a reinvenção da paisagem local pela transformação advinda da urbanização, darão suporte nesta etapa.

A segunda etapa consiste na identificação dos vazios urbanos da Barra Olímpica, apresentando suas características espaciais e sua disposição no espaço, através de trabalhos de campo e por fotointerpretação de imagens a partir de imagens de satélite do Google Earth e Google Street View.

O trabalho visa identificar os atores chave nesse processo de transformação dos vazios urbanos. Haverá a análise dos agentes urbanos envolvidos nesse processo a partir de análise documental, visando descobrir quem são os principais atores nas mudanças na configuração local, suas ações e seu papel de influência não só na ressignificação espacial, mas também na proposição da criação de um novo bairro. A gestão de Eduardo Paes (PSD) enquanto prefeito da cidade do Rio de Janeiro (2009-2016) também será analisada mediante análise documental. Se o Estado atua na organização e reorganização espacial (Corrêa, 1989), entender as características do seu governo, seus Planos Estratégicos colocados em prática nesse momento ajudam a entender a produção do espaço da então Barra Olímpica.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A cidade é composta de camadas materiais e temporais. É nela que encontramos, num mesmo momento, os fragmentos de espaços e hábitos vindos de diversos momentos do passado. Por isso, para entender o presente do recorte espacial da pesquisa, procura-se entender e analisar o processo de evolução urbana do Rio de Janeiro, como cada momento de organização social resulta em novas funções, novos atores no cenário, novas formas criadas e formas antigas transformadas no espaço. Entender a evolução urbana local, segundo Abreu (1987) é chave para reconhecer o Rio como um núcleo hipertrofiado, ou seja, núcleo cercado





por estratos urbanos periféricos carentes de serviços e infra-estruturas.

Outra reflexão relevante é a dos agentes sociais segundo Corrêa (1989) que, com suas práticas, levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz de diversas maneiras, dentre elas a incorporação de novas áreas ao espaço urbano e densificação do uso do solo. Visto que o espaço urbano é constituído por diferentes usos da terra e que cada uso pode ser visto como uma forma espacial produzida por determinados agentes, a atenção nesse caso é voltada para dois agentes sociais específicos que tem capacidade de produzir o espaço urbano: os promotores imobiliários, que fazem operações como a gestão do capital-dinheiro na fase de sua transformação em imóvel e a comercialização do imóvel; e o Estado, que atua na organização e reorganização espacial.

Além disso, as práticas espaciais, ainda segundo Corrêa (1995), também serão consideradas no trabalho. Segundo o autor, tais práticas são ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, o alteram no todo ou em parte e fazem formas e interações no seu interior.

O exemplo do recorte escolhido demonstra que espaços vazios ou subutilizados têm de certa forma importância para um planejamento que os (re)insere de algum modo na dinâmica socioespacial diante de certos cenários com práticas específicas somadas à montantes de dinheiro. Os vazios aqui serão entendidos segundo Borde (2006), ou seja, como lugares que podem ser ausentes de ocupação material, funcional ou de interesses, além de os dividir em Vazio Estrutural, Vazio Projetual e Vazio Conjuntural. Segundo o autor, o Vazio Estrutural, que mais interessa ao trabalho, é dividido em: subutilizados, quando há subutilização formal, funcional, social ou simbólica, transformando-se num recurso socioespacial subutilizado, como é o caso do Autódromo de Jacarepaguá que estava em um estado de calamidade pública (UOL, 2012) antes de virar o Parque Olímpico; e ambientais, que são espaços de caráter ambiental desconectados do tecido urbano.

Finalmente, a revitalização urbana como processo de valorização do espaço (Carlos, 2004), que altera as características do lugar, é importante nesse caso. Tendo em vista o estágio do processo de reprodução do espaço da metrópole, com constantes parcerias público-privada, e o poder político do Estado e de agentes privados, como o setor imobiliário, na reestruturação de lugares, temos como resultado uma revalorização que implica na transformação com a consequente perda dos referenciais urbanos e com a imposição de outros (Carlos, 2004, p. 88).



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho buscou, à princípio, analisar a evolução urbana da Baixada de Jacarepaguá a fim de melhor entender o motivo da área local ser caracterizada – segundo a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e o documento de uso e ocupação do solo 2009-2013 e o Projeto de Estruturação das Vargens (PEU das Vargens) – como um lugar que, dentre outras características, possui muitos “vazios urbanos”, influenciando possivelmente a escolha da Zona Olímpica da Barra da Tijuca como “coração” dos Jogos Olímpicos Rio 2016 por receber as principais instalações para receber o megaevento.

Trabalhar com a evolução urbana da Baixada de Jacarepaguá e da atual zona Sudoeste da cidade do Rio de Janeiro, porém, se demonstra dificultoso pelo fato de haver pouco material sobre esse recorte, sobretudo em comparação à zona Norte, zona Sul e Centro da cidade (Barros; Fernandes, 2021). Apesar disso, percebe-se, a partir da literatura disponível acerca da Baixada de Jacarepaguá, que existem dois principais momentos que melhor descrevem sua evolução urbana: o primeiro acontece no Brasil Colonial, até o fim dos grandes engenhos e fazendas de café no final do século XIX; e um segundo momento, que é o início da urbanização no final da década de 1960 trazido pelo Plano Piloto da Baixada de Jacarepaguá e da Barra da Tijuca, desenvolvido por Lúcio Costa.

Dos Santos (2013), ao caracterizar a existência de uma espécie de “salto temporal” nos trabalhos desenvolvidos sobre o local, explicita que

[...] após o declínio da economia cafeeira no final do século XIX e do retalhamento das terras por parte dos beneditinos, se tornando uma área deserta, só ocupada por alguns poucos “humildes pescadores e lavradores”. Essa situação só seria alterada com a formulação do Plano-Piloto pelo urbanista Lúcio Costa e com a construção da Auto-Estrada Lagoa-Barra no final da década de 60, o que teria atraído vários investidores do ramo imobiliário para lugares como Barra, Jacarepaguá e Recreio, possibilitando a construção dos grandes e luxuosos condomínios voltados para a classe média alta (Dos Santos, 2013, p. 2).

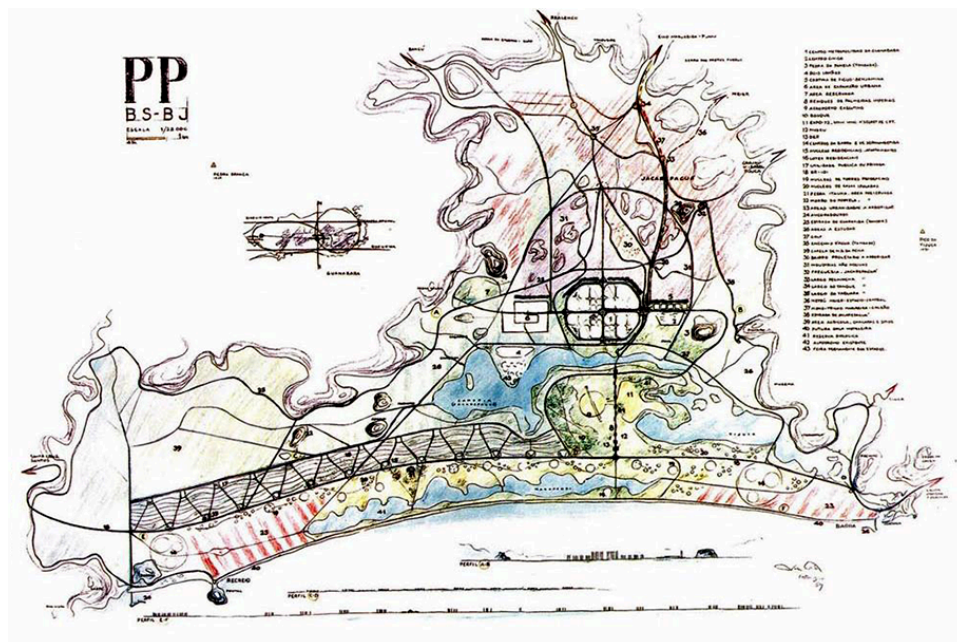
O primeiro momento, em suma, caracterizou a Baixada de Jacarepaguá como a zona rural do Rio de Janeiro, também conhecida por Sertão Carioca (Corrêa, 1936). Dentro de um contexto de crescimento contínuo da cidade, era encontrado “a três ou quatro horas do centro urbano onças, entre elas a suçuarana, a jaguatirica, e capivaras”. A vocação local e sua localização frente aos pólos urbanos cariocas intensificou de maneira gradativa políticas que viabilizassem a fixação de grandes fazendas e engenhos e canaviais que naquele momento já se espalhavam pela cidade (Abreu, 2010; Peixoto, 2019), favorecendo núcleos de colonização (Vianna, 1992). Posteriormente, com a tendência de queda na produção do açúcar e o café

ganhando maior espaço no comércio, a Baixada de Jacarepaguá ganha relativa importância pelo seu plantio, ganhando um cenário em que ela se torna provedora de alimentos da cidade. Sobre esse momento, Peixoto (2019) ressalta:

O século XIX viu o começo do processo de diversificação das atividades econômicas da área, que não tinham mais no açúcar seu único ou principal sustentáculo, pois outros produtos adentraram o cenário. Vianna ressalta que, com o declínio da cana-de-açúcar e a ascensão do café, a região foi quebrando seu isolamento e tornando-se cada vez mais periferia do Rio de Janeiro, agora Corte. A produção se diversificou, com o café sendo plantado nas áreas mais altas do bairro, ficando as áreas planas com a criação de gado e outros cultivos. Esse novo cenário exigiu um mercado mais forte em que a produção fosse distribuída, já que as redes de localidades da Baixada, de população pouco concentrada e dispersa, não a absorveriam. A região voltou-se, então, para fora dos seus limites, posicionando-se como provedora de alimentos para a cidade. Com isso, as propriedades locais foram se tornando menos auto-suficientes e especializadas que nos séculos anteriores, agora dedicando-se a uma agricultura variada e à criação de animais (Peixoto, 2019, p. 133).

O segundo momento que marca a evolução urbana local se manifesta no final da década de 60, com a transformação na infraestrutura da região caracterizada por intervenções do poder estatal e de empresas privadas através, sobretudo, da construção civil e de equipamentos de serviço por conta do desenvolvimento do Plano Piloto para a urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá (Costa, 1969).

Imagem 1: Plano Piloto da Baixada de Jacarepaguá e Barra da Tijuca



Fonte: Costa, 1969.





Pode-se dizer que o contexto econômico e político no momento do desenvolvimento do Plano Piloto favoreceu o posterior processo de evolução urbana local. Sobre isso, Abreu (1987) explica:

A intensificação do processo de concentração de renda, viabilizada pela política de arrocho salarial pós 1964, levou, por outro lado, a dois efeitos significativos sobre a evolução da forma urbana. Em primeiro lugar, resultou num processo drástico de remoção de favelas dos locais mais valorizados da zona sul, para que aí fossem construídas habitações de luxo... em segundo lugar, levou a um processo intenso de especulação imobiliária que, logrando êxito, determinou a expansão horizontal da parte rica da cidade em direção a São Conrado e Barra da Tijuca, contando, para isso, com a ajuda decisiva do Estado. Data do fim da década de 1960 a construção da primeira etapa da auto-estrada lagoa-barra, um investimento caríssimo que inclui a perfuração de vários túneis e a construção de um longo trecho em pistas superpostas encravadas na rocha (Abreu, 1987, p. 114).

Entender a magnitude do Plano Piloto e seu posterior desenvolvimento gradual é possivelmente o fator mais importante para a melhor análise espacial atual da Baixada de Jacarepaguá e as suas presentes características. É a partir do plano elaborado por Lúcio Costa que é compreendido o avanço de maneira efetiva da malha urbana sobre áreas com menos ou nenhuma infraestrutura, em um momento em que o modo de vida à beira mar ganhava destaque e as intervenções do poder estatal e de empresas privadas aqueceram o mercado imobiliário, sobretudo no mais novo espaço criado para a elite: a Barra da Tijuca.

Por mais que a Barra da Tijuca não seja o bairro que contempla por completo a área do Plano Piloto, entender seu desenvolvimento e as infraestruturas desenvolvidas posteriormente para dar suporte à nova vida exclusiva no bairro é de tamanha importância para melhor analisar as características dos bairros ao redor, incluindo a área do bairro hoje conhecida como Barra Olímpica.

## **OS VAZIOS URBANOS E AS INFRAESTRUTURAS OLÍMPICAS**

A ideia de vazios urbanos como problema de pesquisa para o trabalho surgiu, conforme visto na introdução do artigo, a partir principalmente do PEU das Vargens. A Lei Complementar, que surgiu pouco mais de um mês depois da escolha do principal local que receberia as infraestruturas dos Jogos Olímpicos, institui um projeto de estruturação urbana para os bairros de Vargem Grande, Vargem Pequena, Camorim e parte dos bairros dos Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e Jacarepaguá, e tem como principais objetivos orientar a ocupação urbana de parte da Baixada de Jacarepaguá tendo em vista a intensificação do uso e ocupação do solo em virtude dos Jogos Olímpicos Rio 2016 na Zona Olímpica da Barra da Tijuca.



Imagem 2: Área de abrangência do PEU das Vargens



Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2009.

A política pública promovida pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro descrevia a região em diversas características urbanas, dentre elas a grande presença de vazios urbanos. A descrição da PEU das Vargens, porém, não deixa claro em nenhum momento o que eles consideram como vazios urbanos dentro da Baixada de Jacarepaguá.

Sendo assim, dentro do contexto de transformação espacial consequente das instalações olímpicas, o trabalho considera que vazios urbanos podem ser de origem estrutural, projetual ou conjuntural, segundo Borde (2006). Ao investigar as razões pelas grandes cidades se tornarem produtoras desses espaços, a autora dividiu os vazios urbanos em tipologias, são elas:

Imagem 3: Tipos de vazios urbanos

Tipos	Características
<b>Vazio Estrutural</b>	Transformações nas funções urbanas
Subutilizado	Espaço em que há subutilização formal, funcional, social, simbólica transformando-se num recurso socioespacial subutilizado
Ambiental	Espaço de caráter ambiental desconectados do tecido urbano
<b>Vazio Projetual</b>	Decorrente de intervenções urbanas
Residuais	Sobra física no tecido urbano remanescente da inserção de uma infraestrutura
Viários	Espaço resultante de implantação viária
<b>Vazio Conjuntural</b>	Oriundo de conjunturas econômicas, sociais, jurídicas
Ferrovário	Espaço oriundo da falência do transporte ferroviário

Fonte: Alves e Bueno (2023) baseado em Borde (2006).

Diante desse quadro, o trabalho debruça suas análises sobre os espaços que deram lugar às infraestruturas ligadas de alguma maneira ao Jogos Olímpicos Rio 2016, são elas: o Parque Olímpico, principal centro de arenas e estádios para jogos; a Vila dos Atletas, lugar feito para hospedar os atletas; e, por fim, o Centro Metropolitano, que não receberia jogos mas foi um espaço reservado para o megaevento

O Parque Olímpico foi construído por meio de uma parceria público-privada, no contexto de reduzir os gastos públicos com as obras para as Olimpíadas (De Oliveira Sanchez, 2019). Três anos após a escolha da cidade-sede para os Jogos Olímpicos de Verão de 2016 foi publicado o resultado da nota final da licitação. Ainda segundo a autora,

Tendo vencido o Consórcio Parque Olímpico 2016, licitante único que se apresentou, formado pelas empresas Construtora Norberto Odebrecht Brasil S/A, Construtora Andrade Gutierrez S/A e Carvalho Hosken S/A Engenharia e Construções, com o contrato no valor total de R\$1.375.000.000,00, sendo R\$525.000.000,00 referentes à somatória dos valores das Contraprestações Públicas Pecuniárias (mensal e por etapa) e R\$850.000.000,00 referentes ao valor dos terrenos (RADAR PPP), recebidos em contrapartida para futuro desenvolvimento imobiliário. Em 26 de abril de 2012, o Contrato de Parceria Público-Privada com a Concessionária Rio Mais S/A (publicação em 27/04/2012) foi assinado, formada pelas mesmas empresas do Consórcio Parque Olímpico 2016 (De Oliveira Sanchez, 2019, p. 294).

O caso do Parque Olímpico se apresenta como Vazio Estrutural subutilizado, isto é, quando há no terreno alguma subutilização formal, funcional, social ou simbólica, transformando-se num recurso socioespacial subutilizado. O caso do Autódromo de Jacarepaguá, que deu lugar ao Parque Olímpico, melhor exemplifica esse tipo de vazio: a infraestrutura do autódromo em questão estava em estado de calamidade pública (UOL, 2012)

antes de virar o Parque Olímpico, uma espécie de boicote para justificar as posteriores mudanças no local por conta da aproximação dos Jogos.

Imagem 4: Parque Olímpico



Fonte: VejaRio, 2016.

Ainda visando reduzir gastos públicos com obras, a Vila dos Atletas foi construída pela Carvalho Hosken S/A, nome de peso dentro do ramo imobiliário, sobretudo na Barra da Tijuca. Segundo De Oliveira Sanchez (2019), toda essa infraestrutura foi designada pelo poder público para fazer parte do complexo privado residencial denominado Ilha Pura após o término dos Jogos Olímpicos.

O caso da Vila dos Atletas encontramos um Vazio Urbano do tipo Ambiental, isto é, o espaço em questão, antes das infraestruturas olímpicas, não era conectado ao tecido urbano da cidade.



Imagem 5: Vila dos Atletas



Fonte: VejaRio, 2016.

Já o Centro Metropolitano não foi um espaço destinado para receber jogos ou atletas das Olimpíadas Rio 2016, mas ele esteve dentro dos planos do Comitê Olímpico Internacional junto da Prefeitura da cidade. A área em questão foi parcialmente ocupada por um shopping center e ainda passa por constante mudança, com recorrentes lançamentos de novos condomínios de classe média alta.

Assim como a Vila dos Atletas, encontramos um Vazio Urbano do tipo Ambiental, isto é, antes das construções, eram encontrados espaços desconectados do tecido urbano.

Imagem 6: Centro Metropolitano



Fonte: VejaRio, 2016.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão tratou de três espaços específicos que, com a chegada de um evento de grande magnitude, viabilizaram transformações espaciais significativas a ponto, inclusive, de estimularem na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) não só a proposta de criação de um novo bairro, como também a consolidação do mesmo após o término dos Jogos Olímpicos.

Aqui, objetivou-se entender qual o papel que os vazios urbanos tiveram na criação de um novo bairro na atual zona Sudoeste da cidade, admitindo que eles eram uma característica importante na paisagem urbana da Baixada de Jacarepaguá. Interpretar os vazios urbanos em questão a partir de Borde (2006) permitiu entender que, dentro de um contexto de uma gestão urbana voltada à reprodução de capital, eles participam da formação de partes específicas da cidade que emergem da contemporaneidade, uma espécie de formação proposital de vazios urbanos por certos agentes do espaço urbano dentro de um processo que, ao ativá-lo, formam novos espaços urbanos. Ainda segundo a autora, na cidade contemporânea, a gestão urbana





olha para esses vazios urbanos como “oportunidades para o capital financeiro, que tem também interesses imobiliários e fundiários (Borde, 2006, p. 70).

A Vila dos Atletas, hoje, se apresenta como condomínio Ilha Pura, um condomínio de classe média alta ainda em processo de finalizar suas obras. O Parque Olímpico, por sua vez, é hoje conhecido como Parque Rita Lee, e é aberto para visitação do público e uso da sua área ao ar livre. Seu futuro, porém, é incerto. Há, atualmente, constantes tentativas de conceder o parque totalmente à iniciativa privada para criação de um complexo de entretenimento, ideia essa que não tendo tanto êxito. Por fim, o Centro Metropolitano abriga, cada vez mais, lançamentos de novos condomínios fechados, semelhantes aos que são encontrados na Barra da Tijuca.

A revitalização urbana como processo de valorização do espaço (Carlos, 2004), que altera as características do lugar, parece se manifestar a partir dessas análises. Tendo em vista o estágio do processo de reprodução do espaço da metrópole, com constantes parcerias público-privada, e o poder político do Estado e de agentes privados, como o setor imobiliário, na reestruturação de lugares, temos como resultado uma revalorização que implica na transformação com a consequente perda dos referenciais urbanos e com a imposição de outros (Carlos, 2004, p. 88). A reativação de vazios urbanos e suas transformações advindas alteraram de certa maneira as características locais, a ponto, inclusive, de recortar especificamente um espaço e destiná-los a um novo bairro

Considera-se, portanto, que os espaços vazios deram espaços a novas infraestruturas, e que essas novas infraestruturas, quando analisadas em conjunto, viabilizaram a consolidação do novo bairro Barra Olímpica, que já apresenta, dentro dos seus limites, os novos usos desses espaços transformados pós Jogos Olímpicos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Evolução urbana no Rio de Janeiro. 1987.

ABREU, Maurício. Geografia histórica do Rio de Janeiro (1502-1700). **Andrea Jakobsson Estúdio**, 2010.

ALVES, Rodolfo Teixeira. O processo de construção, transformação e expansão da Barra da Tijuca para "o futuro do Rio de Janeiro". **Idealogando: revista de ciências sociais da UFPE**, v. 1, n. 2, p. 64-82, 2017.





BARROS, Gabriel Teixeira; FERNANDES, Ulisses da Silva. Morfologia urbana da Baixada de Jacarepaguá: mapeamento histórico de 1765, 1875 e 1957. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE – ENANPEGE, 14., 2021, João Pessoa. **Editora Realize**, 2021

BORDE, Andréa de Lacerda Pessoa. Vazios urbanos: perspectivas contemporâneas. **Rio de Janeiro: Teses (doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro**, 2006.

DE OLIVEIRA SANCHEZ, Renata Latuf et al. **Desenhando o urbano: o legado das Olimpíadas Rio 2016 na Barra da Tijuca. Universidade de São Paulo**, 2019.

Câmara Municipal do Rio de Janeiro. (2009, 27 de novembro). *Lei Complementar nº 104, de 27 de novembro de 2009: Institui o Projeto de Estruturação Urbana*. Disponível em: < <https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contLei.nsf/0/afdde576933dbfc032577220075c7d6?OpenDocument&ExpandSection=-1> mail.camara.rj.gov.br+1 >. Acesso em 18 set. 2024.

CARLOS, Ana Fani A. O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. 2004.

COSTA, Lúcio. Plano-piloto para a urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá. **Agência Jornalística Image**, 1969.

CORRÊA, Magalhães. Sertão Carioca. Rio de Janeiro: **Imprensa Nacional**, 1936.

CORRÊA, Roberto Lobato et al. O espaço urbano. **Ática**, 1989.

DOS SANTOS, Leonardo Soares; DE SOUZA DÓRIA, Renato. Do Sertão Carioca ao centro metropolitano: as disputas por terra na zona oeste do Rio de Janeiro (1940 - 2010). Rio de Janeiro: **Revista de Humanidades**, 2013

PEREIRA, Paulo Cesar Xavier Pereira. Megaprojeto e produção do espaço urbano. Uma perspectiva crítica. **OLIVEIRA, Floriano et al**, p. 199-218, 2014.

PEIXOTO, Sílvia A. Jacarepaguá, a “planície dos muitos engenhos”: uma arqueologia do sertão carioca, Rio de Janeiro, século XVII ao XIX. **Rio de Janeiro: Tese de doutorado em Arqueologia. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro**, 2019.

ESTADÃO. Olimpíadas 2016: Obras. Disponível em:

<https://infograficos.estadao.com.br/public/esportes/olimpiadas-2016-obras/>. Acesso em: 16 set. 2024.



MOTORSPORT. Desabafo: Jorge de Freitas classifica situação do Rio como "lamentável".

UOL, 12 jul. 2012. Atualizado em: 30 abr. 2015. Disponível em:

<https://motorsport.uol.com.br/stockcar-br/news/desabafo-jorge-de-freitas-classifica-situacao-do-rio-como-lamentavel/559052/>. Acesso em: 18 set. 2024.

Prefeitura do Rio de Janeiro. Evolução da ocupação e uso do solo 2009-2013. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2014.

UOL Motorsport. (2015, abril 30). *Desabafo: Jorge de Freitas classifica situação do Rio como “lamentável”*. Disponível em: <

<https://motorsport.uol.com.br/stockcar-br/news/desabafo-jorge-de-freitas-classifica-situacao-do-rio-como-lamentavel/559052/> >. Acesso em: 18 set. 2024

VIANNA, Hélio et al. **Baixada de Jacarepaguá: sertão e zona Sul**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Patrimônio Cultural [e] Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.